

*Leverkusen/Düsseldorf/Colônia*

## FELIZ LEVERKUSEN

Pick postou no blog: Sobre a Companhia de Dança de São Paulo e Schläpfer “b.22”

---

No que diz respeito à dança, Düsseldorf ficou por muito tempo atrás de Colônia, embora Yvonne Georgi e, posteriormente, Kurt Jooss tenham feito bastante sucesso no início dos anos 50. Hoje Martin Schläpfer encanta e estressa seu público na Ópera do Reno.

---



•  
Legenda: “b.22” em Duisburg: “estar surpreso - para ver” Foto © Gert Weigelt



• Legenda: “b.22” em Duisburg: “Movimentos” Foto © Gert Weigelt



• Legenda: “b.22” em Duisburg: “Uma floresta, um lago” Foto © Gert Weigelt

Feliz Leverkusen fica na sombra de Colônia e Düsseldorf, dois centros culturais que sempre se esforçaram para superar um ao outro. No entanto, no futebol isso é diferente desde que me lembro. Leverkusen foi sempre da Bundesliga e na maioria das vezes estava bem na frente.

No que diz respeito à dança, a capital do Estado ficou muito tempo atrás de Colônia, embora Yvonne Georgi e, posteriormente, Kurt Jooss no início dos anos 50 tenham feito muito sucesso. Mas, quando Colônia construiu a sua nova casa de ópera e Aurel von Miloss trouxe consigo um gostinho da grandeza do mundo afora, com os solistas Tilly Söffing, Helga Held, Lothar Höfgen e por exemplo Maurice Béjart (ele coreografou lá como convidado a peça sensacional, full-length “The journey”, com música de Pierre Henry), Werner Ulbrich (na época conhecido como mestre do balé), apesar da bailarina Gsovski Edel von Rothe e de Walter Cuhay, não teve mais nenhuma chance em Düsseldorf.

Leverkusen fica mais perto de Colônia, mas o trem vai até Düsseldorf. A razão pela qual chamo Leverkusen de feliz é que ela possui no [Foro](#) um excelente prédio de teatro, embora infelizmente não disponha de um grupo próprio de artistas. O Departamento de Cultura da cidade e sua indústria própria, conhecida pela invenção e comercialização de aspirina até hoje até o último canto do Alasca e da África do Sul, apresentam uma oferta cultural ainda mais importante.

Desta série foi vista a Companhia de Dança de São Paulo, que poderia também ser chamada de NDT brasileira. Não só porque todos os coreógrafos do programa também trabalharam para a NDT, mas porque os dançarinos dançam no mesmo nível elevado. Billy Forsythe não escreveu a sua obra prima “In the Middle, Somewhat elevated”, que a Companhia mostrou durante a sua apresentação, nem para o seu grupo de dança de Frankfurt, nem para a NDT, mas para os artistas do balé da Ópera de Paris. No entanto, São Paulo não tem do que se envergonhar e se houvesse um campeonato de grupos de dançarinos (Deus nos livre de algo desse tipo), eles poderiam ocupar seu lugar no pódio como grupo puramente brasileiro.

No início da noite dividida em três partes havia uma peça um tanto infantil que Marco Goecke escreveu para este grupo – seja lá por que razão – para a “Sinfonia simples” de Benjamin Britten, que infelizmente foi prejudicada pelo coro finlandês Huutajat. Isso tudo não foi por acaso, tudo foi bem pensado e ensaiado até o mínimo detalhe. Eu prefiro olhar para um parque infantil por uma hora, o que é, pelo menos, mais emocionante do que “Peekaboo”.

O livreto do programa explica “Gnawa”, que percorre o palco magistralmente entre as peças de Goecke e Forsythe por meio de uma palavra islâmica: Valencia, sol e mar e muito mais. Se seu tivesse me embriagado com a fantasia como na noite do balé em Düsseldorf durante a peça de Martin Schlöpfer, talvez eu tivesse aproveitado mais do que apenas a coreografia magistral. Talvez eu tivesse reconhecido a peça de olhos fechados como um verdadeiro Nacho Duato.

Mas voltando a Düsseldorf. A capital da Renânia do Norte-Vestfália só voltou a aparecer no mapa do balé quando Erich Walter se transferiu da Wupper para o Reno, deixando por lá uma impressão duradoura. Aliás, com aquela Tilly Söffing, com Joan Cadzow, que foi denominada justificadamente de “bailarina imperial” por Horst Kögler, com Marina von Othegraven e Renate Deppisch (um supertalento da técnica de Munique, que me perguntou, quando esperávamos por nossa aparição no 3º ato do Lago dos Cisnes: “Como ela faz isso?”, embora ela saiba fazer o mesmo pelo menos tão bem quanto a Cadzow, mesmo que não pareça tão emocionante). Como já enumerei as bailarinas, não posso deixar de lado os homens. E. Walter descobriu Peter Breuer e fez

dele um dançarino de nível mundial, que também sabia interpretar papéis, coisa que ele não trouxe de Munique. Ainda havia Alexis Freeman, um fenômeno parecido com a Cadzow. E Peter, um rapaz completamente honesto, perguntou-se, bem como aos outros, porque Alexis levava a plateia a tamanha ovação com tão pouca técnica. Finalmente, havia Paolo Bertoluzzi, um dançarino da graça de Deus, que infelizmente mais tarde, como coreógrafo, desmantelou-se.

Na verdade, eu queria relatar sobre a noite de balé eloquentemente intitulada “b.22” (aparece também no GPS, no entanto não é um guia para Duisburg, onde a estreia ocorreu). A noite começou com uma peça nova de Martin Schlöpfer acompanhada do piano de Alexander Skrjabin e Franz Liszt, chamada “ser surpreendido – para ver”. E assim foi: diversas referências a coisas que nos atingem pessoalmente, mas que também ouvimos no noticiário todos os dias, ou seja, coisas que fazem parte de nosso pequeno mundo e do mundo lá fora. Genial, repleta de simbolismo, porém muito compreensível quando se para pra pensar.

A direção de balé de Martin Schlöpfer levou repetidas vezes peças brilhantes do repertório do patrimônio mundial de dança para a ópera do Reno e, mesmo se ele não fosse um coreógrafo tão valioso, ainda que às vezes invente títulos descabidos, estes achados valeriam a viagem, pois em nenhum outro lugar se pode ver tais coisas, e certamente não tão bem cuidadas. Neste caso, o achado é “Moves” do genial Jerome Robbins. Dançar por 30 minutos sem música me causou a melhor impressão desse grupo de dançarinos! Confesso, no final eu também me senti assim. Um experimento coreográfico totalmente bem-sucedido é um bem valioso. A dança sem qualquer som, mesmo assim com ritmo e talvez até bonita demais no sentido neoclássico. Em todo o caso, com isso, a noite estava perdida para mim. Eu não tinha mais nenhuma disposição para ouvir os ruídos e murmúrios de floresta criados em Mainz, demasiadamente prolongados e requentados ( “Uma floresta, um lago”, de Schlöpfer) em trajes totalmente estranhos, apesar da música em parte bastante cativante desta vez de Paul Pavey. Martin gosta de estressar o seu público.

Publicado em 12.02.2015, de **Günter Pick** em [Homepage](#), [Gallery](#), [Blogs](#), [Tanz im Text](#) [“dança no texto”].

Este artigo foi visualizado 290 vezes.